

A NEGOCIAÇÃO COM OS BANCOS

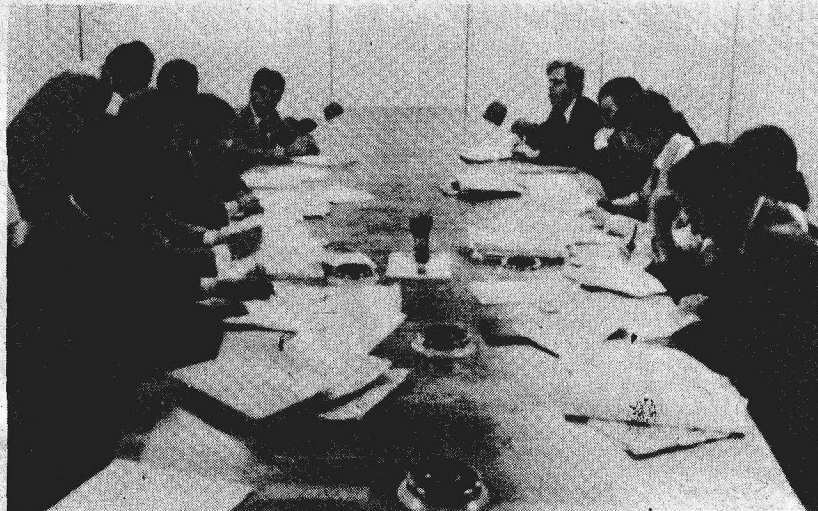
Os economistas dos bancos apresentarão sugestões ao nosso governo. Pedem para não confundir com "exigências".

Ao longo das conversações, os sete economistas de bancos internacionais poderão apresentar idéias "mas não sugestões ou exigências de novas medidas econômicas", garantiu ontem em Brasília o chefe do Departamento Econômico (Depec) do Banco Central, Alberto Furuguem, que é o coordenador dos trabalhos junto ao Subcomitê de Economia do Comitê de Assessoramento da Dívida Externa Brasileira.

Furuguem ressaltou que os bancos deverão aprovar as novas metas do acordo com o Fundo Monetário Internacional e, ao mesmo tempo, anunciou mais aperto na política monetária, de forma que a contração real da oferta da moeda fique entre 20 e 25% este ano, contra a projeção inicial de 5,3%, o que torna difícil reduzir, a curto prazo, as taxas de juros do mercado.

Os sete economistas integrantes do Subcomitê de Economia do Comitê de Assessoramento da Dívida Externa Brasileira almoçaram, ontem, com o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, e na quarta-feira terão encontro com os ministros do Planejamento, Delfim Neto, e da Fazenda, Ernane Galvêas. Na quinta e sexta-feira, os membros do Subcomitê de Economia manterão contatos no Rio de Janeiro.

O coordenador dos trabalhos conjuntos do Banco Central e dos economistas dos bancos internacionais disse não ter ainda condições de prever quando o Comitê de As-



A reunião dos economistas no Banco Central

essoramento analisará os dados levantados pelo Subcomitê para aprovar o novo esquema de refinanciamento da dívida externa brasileira.

No primeiro dos três dias de trabalho previstos em Brasília, os membros do Subcomitê mantiveram prolongada reunião com técnicos do Departamento Econômico do Banco Central — além de Furuguem, participaram Paulo César Chimenez, Satossi Abe e Sílvio Rodrigues Alves.

O economista Douglas Smee, do Banco Montreal, chefe o Subcomitê, também integrado por R. Chapnean, do Lloyds Bank; Thomas Trebat, do Bankers Trust;

Hans Crimm, do União de Bancos Suíços; Junji Takaoka, do Banco de Tóquio; James Nash, do Morgan Guaranty Trust; e a representante do Citibank, Bryce Ferguson.

A política monetária, o déficit público e o futuro das contas externas constituíram os temas principais do encontro de três horas entre técnicos do Banco Central e o Subcomitê de Economia, mas o chefe do Departamento Econômico do BC disse que não se discutiram questões como a indexação ou o andamento das negociações com o FMI — os economistas dos bancos falaram diretamente com a missão do Fundo.

Furuguem reiterou que o Sub-

comitê dos Bancos não deverá apresentar "exigência especial" ou buscar interferir na política econômica brasileira, pois "os economistas vieram avaliar as últimas medidas econômicas e as perspectivas globais do País e não fazer exigências".

As conversações do grupo em Brasília e no Rio de Janeiro, ao longo desta semana, resultarão na projeção das necessidades brasileiras de recursos externos para sair da crise de liquidez, no segundo semestre deste ano, e ajustar o seu balanço de pagamentos de 1984 e 1985.

Segundo o chefe do Depec, embora sem preocupação com os aspectos formais, o Subcomitê dos Bancos vai executar "na essência" o mesmo trabalho desenvolvido pela missão do Fundo Monetário Internacional (FMI). A economista Ana Maria Jul, do FMI, até ficou satisfeita com a divisão das atenções da imprensa entre os dois grupos de auditoria das contas externas brasileiras.

Alguns membros do Subcomitê dos Bancos já tiveram contatos anteriores com Furuguem, no mês de abril, em Londres. O chefe do Depec procurou tirar da visita do Subcomitê dos Bancos qualquer conotação de descrédito em relação aos dados enviados pelo Banco Central aos credores externos. Outro participante dos contatos de ontem observou que o objetivo é conhecer os detalhes dos dados apresentados pelo Banco Central.